

Açúcar, Diversão e Modernidade: o Papel das Confeitarias Durante o Processo de Expansão Urbana do Subúrbio Ferroviário Carioca.

Azúcar, Diversión y Modernidad: el Rol de las Confiterías en el Proceso de Expansión Urbana del Suburbio Ferroviario Carioca.

E3_05 Ocio y entretenimiento en las ciudades iberoamericanas. Prácticas, ideas y circulación de imaginarios en el siglo XX

Gabriel Marques Guedes

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, Brasil
gabriel.guedes@fau.ufrj.br

Ronaldo Mercês dos Santos Neto

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, Brasil
ronaldo.neto@fau.ufrj.br

Juliana Silva Pavan

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, Brasil
juliana.pavan@fau.ufrj.br

Resumo: A partir da segunda metade do século XIX, o ato de comer transcende sua função meramente biológica de sobrevivência na sociedade carioca, configurando-se como vetor de lazer e entretenimento que pavimentava a introdução das confeitarias no cotidiano urbano. Sob o cosmopolitismo francófono da Belle Époque, o Rio de Janeiro consagra esses espaços como um privilégio da elite cultural, enquanto os suburbanos, ainda que representantes de elites locais, restringiam seu pertencimento aos limites dos trilhos ferroviários, onde os passeios de trem dominavam o tempo ocioso. A urgência de uma elite suburbana ávida por esse consumo lúdico fertiliza o subúrbio com redes de confeitarias, promovidas como modernizações e divertimentos moralmente aceitáveis que dinamizariam polos comerciais locais e reconfigurariam a morfologia da urbe suburbana. Este artigo examina a expansão dessas confeitarias no subúrbio ferroviário carioca, focalizando três ícones: a Confeitaria Estrada de Ferro Dom Pedro II (Centro), a Confeitaria Japão (Méier) e a Panificação e Confeitaria Mercúrio (Bangu), para mapear um vasto circuito de sociabilidade e suas contribuições decisivas à evolução urbana da Primeira República.

Palavras-chave: Confeitaria; Diversão; Rio de Janeiro; Subúrbio Ferroviário.

Resumen: *A partir de la segunda mitad del siglo XIX, el acto de comer trasciende su función meramente biológica de supervivencia en la sociedad carioca, configurándose como vector de ocio y entretenimiento que allana la introducción de las confiterías en el cotidiano urbano. Bajo el cosmopolitismo francófono de la Belle Époque, Río de Janeiro consagra estos espacios como privilegio de la élite cultural, mientras los suburbanos, aunque representantes de élites locales, restringían su sentido de pertenencia a los límites de los rieles ferroviarios, donde los paseos en tren dominaban el tiempo ocioso. La urgencia de una élite suburbana ávida por este consumo lúdico fertiliza el suburbio con redes de confiterías, promovidas como modernizaciones y diversiones moralmente aceptables que dinamizarían polos comerciales locales y reconfigurarían la morfología de la urbe suburbana. Este artículo examina la expansión de estas confiterías en el suburbio ferroviario carioca, focalizando tres íconos: la Confitería Estrada de Ferro Dom Pedro II (Centro), la Confitería Japón (Méier) y la Panificación y Confitería Mercurio (Bangu), para mapear un vasto circuito de sociabilidad y sus contribuciones decisivas a la evolución urbana de la Primera República.*

Palabras-clave: *Confitería; Diversión; Rio de Janeiro; Suburbio Ferroviario.*

Introdução

Desde a segunda metade do século XIX, as confeitarias cariocas transcenderam a função estritamente biológica de alimentação, integrando-se ao tecido urbano como núcleos privilegiados de sociabilidade, lazer e ostentação simbólica, impulsionadas pelo cosmopolitismo da Belle Époque no Rio de Janeiro. No subúrbio ferroviário, esses equipamentos ultrapassaram a mera emulação dos modelos centrais, concentrados na Rua do Ouvidor, e atuaram como catalisadores de profundas mutações urbanas, ao modernizar economias locais e subverter as barreiras socioespaciais que marginalizavam até mesmo as elites suburbanas. Não há a compreensão do lazer suburbano sem a compreensão do lazer ofertado no Centro da cidade, e esta é a linha real e simbólica que une essas duas regiões do Rio, seja em contrastes ou em semelhanças que viajam pelos trilhos do ramal ferroviário. Como pondera Steven Johnson (2017), a história do prazer é tão essencial quanto as lutas por necessidades, revelando como o lazer constrói civilizações além da mera sobrevivência. Este artigo demonstra o impacto transformador dessas confeitarias como agentes civilizatórios nos bairros suburbanos, examinando três casos paradigmáticos: a Confeitaria Estrada de Ferro Dom Pedro II, no Centro, a Confeitaria Japão, no Méier, e a Panificação e Confeitaria Mercúrio, em Bangu, para elucidar seu protagonismo como eixos de desenvolvimento ao longo das linhas férreas.

Confeitarias e urbanização no subúrbio ferroviário do Rio de Janeiro.

Durante a Primeira República, a efervescente vida pública carioca se concentrava na Rua do Ouvidor, uma estreita viela de pouco menos de 1 quilometro de extensão, protagonista de grandes acontecimentos que marcaram a história do Rio de Janeiro. Este pequeno espaço era, a época, um requintado reduto de representações da moda, cultura e artigos de luxos que rodeavam a vida da elite carioca. Eram os ecos de uma cultura cosmopolita que chegavam da Europa e por ali se difundiam entre os frequentadores. Dentre os estabelecimentos que disputavam as calçadas daquela rua, destacavam-se as famosas confeitarias cariocas, em cujo auge chegaram a coexistir mais de dezesseis destes estabelecimentos naquela viela, sem contar com os demais que ficavam pelas proximidades, como as confeitarias Colombo e Cavé¹.

No início do século XX, o carioca se encontrava nas confeitarias. Elas estavam para a cidade como os cafés estão para as ruas de Paris e os pubs para as de Londres – eram sua alma, o coração pulsante. Ali se discutia a política, se lançava a moda, se ouvia a música, se escreviam as crônicas, se contavam as fofocas, se acertavam trabalhos, se espalhavam boatos, se viviam os amores e desamores. (RODRIGUES, 2014, p. 19).

Ao estudarmos a formação de diversos âmbitos da sociedade londrina, conseguimos identificar a influência direta que o consumo do café e o surgimento das cafeterias tiveram na formação econômica, social e cultural do país. De acordo com o historiador Steven Johnson (2017), o poder da arquitetura e do urbanismo foi crucial para a difusão da bebida, pois acima do prazer londrino com o café, estava o prazer pelo espaço público oferecido por estes estabelecimentos no século XVIII. Para o autor, a popularidade dos espaços surge graças a amplitude com a qual se propagavam, chegando a coexistirem mais de mil cafeterias na cidade de Londres no início de 1700, posicionadas estrategicamente nas proximidades de casas de especulações, de jogatina,

¹ Ambos os estabelecimentos funcionam até hoje no Centro do Rio de Janeiro.

teatros e de bordeis, buscando a adesão de diversos públicos das diferentes camadas sociais inglesas.

De forma similar, temos as confeitarias chegando ao Rio de Janeiro, em meados do século XIX, e ocupando uma lacuna existente no espaço público brasileiro, alcançando o número de 174 estabelecimentos em pleno funcionamento na cidade durante o final do século XIX, em especial concentração na região Central (KARLS, 2017). A popularidade das confeitarias na vida pública carioca fez com que a capital fosse descrita com um marcante cheiro de açúcar (ALEIXO; BARTHOLO, 2015) e que fosse atribuída a Rua do Ouvidor o papel de ponto central destes estabelecimentos pelo Diário de Notícias (1888, p.1), que registrou em suas páginas os seguintes dizeres: “Em bairro algum e em rua alguma existem cafês e confeitarias como nesta rua”. A historiadora Tainá Karls (2017), em sua tese “Comida, Bebida e Diversão”, faz uma análise comparada do perfil das confeitarias do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX (1854-1890). Para a autora, a partir do momento em que o ato de comer deixa de representar apenas uma função biológica de sobrevivência, ele passa a integrar a categoria do lazer e do entretenimento, impulsionado mais pela necessidade de interagir socialmente do que pela necessidade de se alimentar em si. Esta necessidade de entretenimento e de socialização vai se traduzir em arquitetura, como observado por Johnson (2017) ao analisar o surgimento das cafeterias londrinas.

Alguns teóricos vão tentar explicar o surgimento destes espaços em sociedades cosmopolitas, como o Rio de Janeiro do final do século XIX, sobretudo em sociedades influenciadas pelas lógicas do regime capitalista de consumo e de trabalho. Dentre estes teóricos, havia o economista Thorstein Veblen, que buscou analisar o comportamento consumista da sociedade norte-americana em seu trabalho conhecido como “A Teoria da Classe Ociosa”, publicado originalmente em 1899. De acordo com o autor, o desenvolvimento das grandes cidades, a construção de ferrovias, o surgimento de grandes corporações e de empreendimentos industriais transformaram as velhas sociedades e revolucionaram a distribuição de prestígio e poder em seu interior. Nessa nova sociedade, onde tempo é dinheiro e, logo, as pessoas precisam exaustivamente vender esse tempo, existe uma tendência para o surgimento de uma classe que vai tratar de se diferenciar através da manutenção do seu tempo ocioso. Este tempo será utilizado para aprender o domínio das artes e dos esportes, hábitos dispendiosos para a classe laboral e que fará com que essa nova classe ociosa se distinga das demais.

Para Veblen (1983), esse comportamento humano revelava tendências definidas que terminavam por configurar um padrão de ação coletiva, que com o tempo tornava-se uma instituição. Ou seja, a partir do momento em que a classe ociosa deixa de se contentar apenas em dominar as artes, ela sente a necessidade de espaços onde ela possa mostrar aos demais o bom uso de seu tempo ocioso, traduzindo este desejo em arquitetura e urbanismo. Por excelência, foram as confeitarias o melhor dos exemplos da arquitetura pensada para uma classe ociosa, pois era um espaço repleto de espelhos posicionados com o objetivo de “ver e ser visto” dentro dos salões de chá enquanto demonstrava-se o domínio da etiqueta a mesa e dos assuntos sobre arte e política. Estes espaços logo se popularizam, como na Confeitaria Colombo, onde “o povo sempre foi para ver e ser visto” (RODRIGUES, 2014). Durante a Primeira República, o Rio de Janeiro enfrentava um momento extremamente propício para a criação destes lugares, com a cidade tomando ares cada vez mais cosmopolitas, graças as reformas urbanas, a expansão de sua malha ferroviária a fim de alcançar mais facilmente o interior do estado, e aos ecos da modernidade vindos da Europa através de seus portos.

Para o exercício de transformar, metonimicamente, a confeitaria em cidade, é indispensável olha-las com atenção e vive-las cotidianamente e buscar aquilo que as une. Mais que tudo, é necessário perceber seus pontos de transformação. Tanto uma quanto a outra representam um permanente desejo de mudança (seja do povo, seja de seus governantes ou de seus proprietários) e são resultado de longas experiências. Certas ou erradas, bem-sucedidas ou nem tanto, são, todas elas, experiências com um sotaque que mistura português e francês. E que tem como ponto de partida as transformações urbanas pelas quais o Rio de Janeiro passou. (RODRIGUES, 2014, p. 25)

A sociedade carioca era atraída ao interior destes espaços pela presença marcante de figuras ilustres, como o prefeito Francisco Pereira Passos, representado no interior da Casa Cavé (figura 1), e também por poetas e literatos como Olavo Bilac, Machado de Assis, Lima Barreto, Julia Lopes de Almeida e entre outros que faziam verdadeiras rodas artísticas dentro dos salões das confeitarias. Além disso, a variabilidade de divertimentos oferecidos pelos diferentes estabelecimentos fazia com que o público alvo fosse muito diverso e que estivesse sempre atraído por novidades, pois no cenário da época os divertimentos estavam sendo cada vez mais valorizados pela sociedade local, obrigando as confeitarias a se adaptarem a um contexto complexo, onde fluíam entre a necessidade da alimentação, do lazer e da diversão.



Figura 01: “O Chá da Cavé”. Fonte: E. Ayres, 1910.

De acordo com Karls (2017), as confeitarias proporcionavam campeonatos de tiro ao alvo, xadrez, bilhares e bagatelas, além de exposições de retratos, plantas, bebidas e até mesmo a exposição de animais, como cobras devoradoras de passarinhos. Também era comum o comércio de ingressos para o teatro, circo e corridas no Jockey Club, incluindo a venda de teses sobre a colonização no Brasil e composições para piano e canto. Na sociedade inglesa, estes espaços com atrações exóticas eram chamados de “Gabinetes das Maravilhas”, que surgem nas decorações ecléticas de

cafeterias londrinas nos anos de 1700 e em coleções pessoais, como o do médico Hans Sloane, feitas para atrair transeuntes e turistas, mas também intelectuais eruditos que buscavam diversificar os assuntos antes pautados nos clássicos e na Bíblia (JOHNSON, 2017). Enquanto que na sociedade carioca, estes espaços procuravam conservar e atrair seus clientes através dos serviços prestados, cardápio, produtos comercializados, espaço físico, ambientes reservados, música, jogos e exposições, que tinham que se manter atualizados e capazes de cativar a população, buscando contornar a deficiência da permanência em um ponto fixo quando em comparação com a novidade oferecida pela itinerância de circos e apresentações teatrais (KARLS, 2017).

Próximo à virada do século a cidade parece uma babel. Idiomas variados são escutados nas esquinas. Os investimentos estrangeiros chegam para ficar e, com eles, o comércio festeja a maior circulação de dinheiro e o aumento das vendas. Os cariocas enriquecem e são atingidos pelo “vírus do consumo”. Novidades são postas nas mesas e a diversão enche os cafês e as confeitarias. (RODRIGUES, 2014, p. 34)

Existiam também confeitarias voltadas especificamente para homens, para mulheres, para famílias, para esportistas e até mesmo confeitarias voltadas especificamente para classes mais baixas, visto a flutuabilidade dos preços praticados entre elas, descritos como “valores módicos”, dependendo mais do produto e do status dos estabelecimentos. Isto fazia com que houvesse uma certa hierarquia instaurada entre estes estabelecimentos, tidas como “ordens”, divididas entre 1º e 2º ordem, e demais. O que diferenciava uma confeitaria de primeira e segunda ordem era, primordialmente, o refinamento de açúcar, além do fato de que confeitarias de primeira ordem, como a Castellões, eram preferencialmente frequentadas por membros da alta nobreza e da corte imperial do Rio de Janeiro (KARLS, 2017). Entretanto, a classe que aqui nos referimos como “demais”, são os espaços menos prestigiados pela elite cultural, geralmente tidos como estabelecimentos híbridos que ofereciam o serviço de “padaria e confeitaria”, “mercearia e confeitaria” ou “bar e confeitaria”, uma prática absurda, segundo periódicos como O País. “[...] Os confeitores de alta categoria não refinam açúcar. Perguntem aos refinados Castellões, Paschoal e Calistou se eles refinam. As confeitarias de hoje invadiram a esfera das quitandeiras, vendendo frutas e até legumes, e a esfera dos padeiros com pães e roscas” (1886 apud KARLS, 2017, p. 54).

As vitrines da confeitaria destacam-se no cenário da rua e atraem os olhares da população. Confeitaria e cidade produzem novos hábitos, confirmando seus papéis de agentes civilizatórios. Os exemplos do gosto e da sofisticação entram nas almas dos cariocas e ajudam a dar à cidade seu perfil moderno. (RODRIGUES, 2014, p. 52)

A segregação socioespacial na capital brasileira.

Com o advento da expansão urbana, o Rio de Janeiro tornou-se uma sociedade extremamente estratificada espacialmente, com especial preconceito destinado as populações residentes dos subúrbios, jocosamente chamados de “[...] Matto grosso do Distrito Federal” (A ÉPOCA, 1919, p. 29). Ao entender um panorama sobre as diversões ofertadas pelas confeitarias na região central,

surge a dúvida deste trabalho sobre a relação dos suburbanos com estes espaços, dominados pela elite cultural residente nos bairros centrais e da zona sul. Para entender essa complexa relação entre subúrbio e centro, é preciso recorrer as crônicas, textos e ensaios de duas figuras que se sentavam lado a lado no interior da Confeitaria Colombo: Olavo Bilac e Lima Barreto. Entretanto, é importante entender que literatura nem sempre é um bom registro etnográfico, como afirma a historiadora Lilia Schwarcz (2017), pois nela se registra a realidade que melhor convém as narrativas dos autores.

Lima Barreto foi um escritor e jornalista suburbano, conhecido por sua obra crítica e irônica sobre a sociedade carioca da Primeira República, denunciava em suas obras as injustiças sociais, as hipocrisias e as desigualdades da época, especialmente entre as classes populares. Lima Barreto falava do subúrbio como alguém de dentro - por mais que, às vezes, ele fizesse um certo distanciamento e uma ironia exacerbada sobre as figuras suburbanas, ele ainda era uma delas. Assim, seus relatos sobre essas pessoas são mais sensíveis e fidedignos do que, por exemplo, os relatos de Bilac.

Olavo Bilac foi um poeta, jornalista e cronista brasileiro, cujos frequentes ataques às regiões suburbanas e seu desprezo pela cultura popular foram cruciais para o fortalecimento de estigmas que marcaram os subúrbios do Rio de Janeiro durante décadas. Entretanto, Olavo Bilac não era uma figura suburbana, como Lima, ele era um morador da zona sul e olhava para a região do subúrbio com todos os estereótipos possíveis. Como figura renomada, ele fazia questão de influenciar o restante da cidade, em especial as elites, a olhar com certo preconceito para as zonas suburbanas e seus modos de morar e de se divertirem.

Em sua crônica, publicada na revista Kosmos em maio de 1906, Olavo Bilac estratifica a cidade do Rio de Janeiro em uma cartografia moral, onde se utiliza da figura de “corpos dançantes” para justificar a existência de duas sociedades antagônicas e dessintonizadas, cuja consciência intelectual poderia ser medida na maneira em que movimentavam seus corpos. Ele afirma que a dança sempre foi e sempre será um divertimento universal e que, por isto, era uma preocupação característica presente na vida carioca, sendo assim possível estudá-la e classificá-la por ordem de bairros e suas danças preferidas. A cartografia começa pela fidalguia de Botafogo dançando valsa, serena e majestosa; Em seguida, chega-se a Tijuca, Andaraí e Engenho Velho, com uma dança democrática e pouco cerimoniosa; Passando para o Catumbi, onde abandona-se de vez a cerimônia e grudam-se os corpos; Na Cidade Nova se dançava o maxixe, com movimentos soltos do corpo semelhantes ao chahut² parisiense; Por fim, chega-se a Saúde, representante dos bairros pobres onde a dança característica é o samba, visto pelo autor como uma jocosa mescla de ritmos indígenas, portugueses e africanos (JUNIOR, 2017).

Bilac tinha um claro desprezo por divertimentos onde necessitava-se movimentar demais o corpo, em especial os realizados nos subúrbios, que se figuravam como demonstração de incivilidade, com frequentes ataques ao samba, ao carnaval, ao futebol e, principalmente, a Festa da Penha. Para ele, haviam “[...] tradições grosseiras, irritantes, bestiais, que devem ser impiedosas e inexoravelmente demolidas porque envergonham a Civilização”, entre elas estava a “[...] ignóbil festa da Penha, que todos os anos, neste mês de novembro, reproduz no Rio de Janeiro as cenas mais tristes das velhas saturnais romanas, transbordamentos tumultuosos e alucinados dos instintos da gentilha”. Em outros textos, o autor acrescentar “[...] Ir a Penha é afrontar mil vezes

² Uma variante escandalosa do cancan parisiense, caracterizado por chutes altos vigorosos, saias levantadas e gestos frenéticos de braços e pernas, evocando erotismo e tumulto

a morte – porque todos os desordeiros da cidade se encontram ali” (BILAC, 1906 apud JUNIOR, 2017, p. 143).

O ideal de uma capital civilizada e alinhada aos valores da modernidade, para Olavo Bilac, consistia-se em expurgar da cidade as crenças e as práticas populares pois eram exímios exemplos de atraso e de ignorância. Ele propagava a ideia de que os trabalhadores de baixa renda não deveriam coabitar espaços como a recém inaugurada Avenida Central, pois a civilização estaria ligada aos hábitos europeizados, distante das práticas de lazer vivenciadas por trabalhadores braçais de uma camada social desfavorecida (JUNIOR, 2017). Grande parte destes pensamentos eram redigidos e propagados no interior de Confeitaria Colombo e Pascoal, espaços intelectual e moralmente aceitáveis onde o autor gostava de frequentar e esbanjar seu ócio. Em 1913, ao receber o título de “príncipe dos poetas brasileiros”, foi na Confeitaria Colombo que o poeta resolveu comemorar de forma “civilizada” (RODRIGUES, 2014).

Num dos últimos domingos vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquele amplo boulevard esplendido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas e dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilavam, o encontro do velho veículo, em que os devotos bêbados urravam, me deu uma impressão de monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbaria, - era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada. (BILAC apud JUNIOR, 2017, p. 144)

A influência de figuras como Olavo Bilac na população carioca era tão grande que os proprietários das confeitarias faziam de tudo para manter as rodas literárias em seus salões, pois eles podiam, do dia para noite, com uma notícia ou crônica, destruir negócios, abalar casamentos e provocar rebeliões (RODRIGUES, 2014). Desta forma, as opiniões de Bilac ecoavam tão fortes pelos corredores do ramal ferroviário que grandes estabelecimentos suburbanos, como a Confeitaria Japão no Meier, frequentemente tentavam se reafirmar como dotados de qualidade ao se compararem com a Confeitaria Pascoal, favorita de Bilac durante a virada do século (JORNAL DO COMMERCCIO, 1910). Paralelo a isto, as opiniões do poeta quanto a classe suburbana também chegava aos subúrbios, criando um sentimento de inferioridade imortalizado por Lima Barreto na figura de Cassi Jones, personagem da crônica “Clara dos Anjos”. Cassi, um jovem malandro branco que morava no Méier, evidencia o sentimento de se considerar um estrangeiro em sua própria cidade que era experimentado pelos suburbanos:

A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento. [...] Na "cidade", como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da

sofreguidão com que liam os placardes dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava (BARRETO, 2018, p. 837).

A estação da Dom Pedro II³ e o Campo de Santanna eram os marcos de uma barreira invisível que impedia com que os suburbanos circulassem livremente pelo Centro da cidade e pudessem aproveitar das novidades arquitetônicas e culturais que aquele espaço estava experimentando na época. Em alguns períodos, esta barreira tornava-se cada vez mais materializada, como quando a municipalidade proíbe a circulação pelas ruas do Centro em trajes de camiseta e calça de risca, justificando a intenção de colocar a elegância dos trajes em sintonia com o conceito de civilização marcado pelas reformas da Avenida Central (RODRIGUES, 2014). Uma das poucas confeitarias que ficavam no limite desta barreira era a Confeitaria Estrada de Ferro Dom Pedro II, ainda na altura do Campo da Aclamação, funcionando desde 1878, em um regime que priorizava os horários de funcionamento da estrada de ferro e, logicamente, a constância de seu público (KARLS, 2017).

A peculiaridade desta confeitaria apresenta-se no fato dela não ter funcionado exatamente para aquela mesma elite concentrada na Rua do Ouvidor ou na Avenida Central, mas sim para uma população associada ao ramal ferroviário, que circulava em torno da estação Dom Pedro II. A sincronia do funcionamento dela com os trens pode ser explicada pela existência de uma elite suburbana, que dependia exclusivamente dos trens para o seu deslocamento diário. Lima Barreto descreveu essas pessoas como pertencentes à uma classe média baixa, formada por médicos, pequenos comerciantes e funcionários públicos, que só dentro da região suburbana poderiam se considerar membros de alguma elite ao se permitirem circular na 1ª classe dos vagões dos trens (SCHWARCZ, 2017).

Apesar de não exagerar em seus estereótipos, como Olavo Bilac, Lima Barreto nutria certo desdém por essa “aristocracia suburbana” e a importância que davam a si mesmos. Entretanto, o autor não fazia questão de esconder a inexistência da classe quando transeuntes na Rua do Ouvidor, onde mais se aproximavam de um suburbano comum do que da elite cultural que ali frequentavam: “[...] é no trem que se observa bem a importância dessa gente toda. Eles estão na sua atmosfera própria que os realça desmedidamente. Chegam na Rua do Ouvidor, e se desaparecem. São uns fantoches” (BARRETO, 1921 apud SCHWARCZ 2017).

A modernização dos subúrbios.

Em decorrência do deslocamento exigido pelas obras de modernização da região central do Rio de Janeiro, durante o período de 1890 a 1906, houve um considerável aumento populacional nas freguesias suburbanas mais próximas ao centro, especialmente as do Engenho Novo⁴ e de Inhaúma⁵. Com a reforma urbana, o Centro passou a representar o “grau zero” da cidade, enquanto novas classificações foram sendo criadas para definir os espaços mais afastados da cidade entre os arrabaldes, nos limites da cidade, e os subúrbios, que eram as regiões consideradas fora da cidade. Enquanto grande parte das elites ocupava os arrabaldes, era para os subúrbios que migravam a população pobre, sobretudo negra e recém liberta, além de imigrantes e funcionários públicos de médio e baixo escalões (SCHWARCZ, 2017).

³ Atual estação Central do Brasil

⁴ Crescimento de 126%.

⁵ Crescimento de 293%.

No sentido amplo da palavra, não havia apenas um subúrbio, mas sim vários subúrbios, cada um com suas características específicas, unidas por uma característica em comum que era proximidade com o sistema de ferroviários da capital brasileira. Ao invés de se assemelharem ao desenho de outros centros urbanos, distribuindo-se ao redor do centro, a distribuição espacial da zona suburbana concentrava-se em uma estreita faixa que seguia em direção ao oeste fluminense. A população logo tratou de criar hierarquias entre esses subúrbios, classificando os como menos providos de infraestrutura – sendo o exemplo de Cascadura – e outros casos descritos como elegantes. O distrito do Méier fazia parte da região considerada como a “Suíça suburbana” ou “Europa dos pobres”, como afirma a historiadora Lilia Schwarcz (2017). O prestígio destas regiões vai se esvaindo a medida com que se afastavam do centro urbano, carecendo de infraestruturas básicas onde concentrava-se as populações mais pobres e imigrantes.

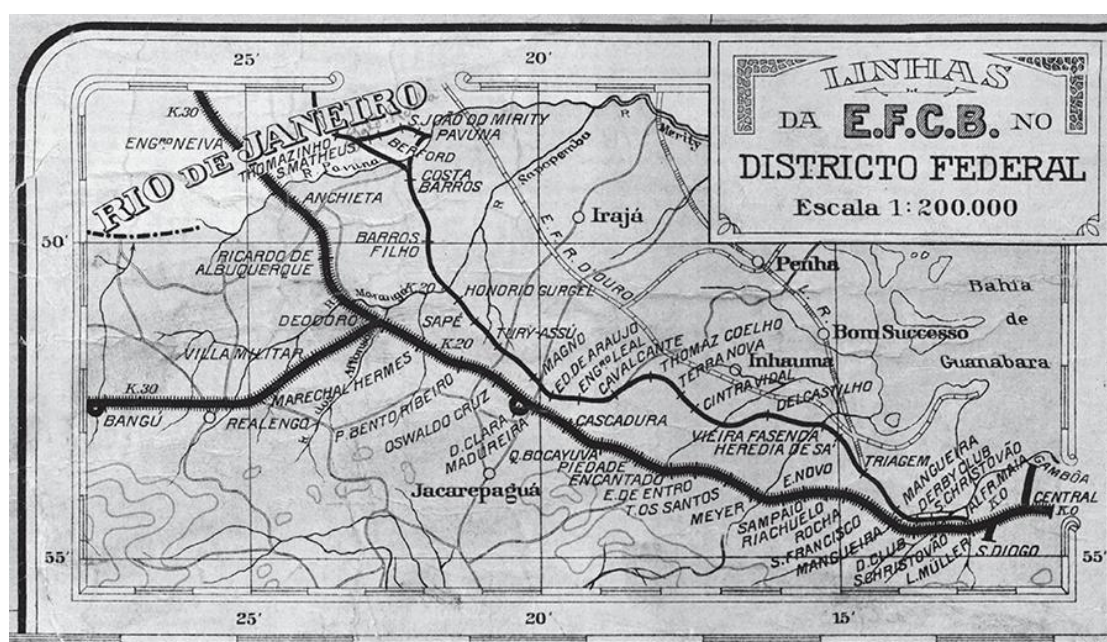


Figura 02: Carta das linhas da Estrada de Ferro Central do Brasil. Fonte: HEMEROTECA DIGITAL

Com a adoção das divisões administrativas em distritos, abandonando as “freguesias” em 1890, é a região do Méier que mais se aproveita da mudança. Antes, integrante da Freguesia do Engenho Novo, o novo distrito passa a se tornar o mais próximo da região central, garantindo para si avanços em sua estrutura urbana e firmando o título de “capital do subúrbio”. Esta mudança faz com que o distrito tenha um exponencial crescimento populacional de 34 mil para 57 mil habitantes entre 1906 e 1920, com 55% desta população considerada alfabetizada⁶, além de concentrar o maior número de residentes em cargos de funcionalismo público e comerciantes. Tal crescimento colocava o bairro do Méier como o grande centro comercial dos subúrbios, com uma população residente vivendo em padrões bastante elevados para a média nacional (SCHWARCZ, 2017).

Havia uma pressão social externa para o desenvolvimento suburbano, muitas vezes verbalizada como forma de sátira, porém também havia uma necessidade internalizada nos próprios suburbanos em acompanhar os avanços impostos pelo Estado à zona central. Em 1907, o jornal O Subúrbio confirma o conhecimento dos suburbanos quanto ao novo patamar de visibilidade

⁶ Uma discrepância em comparação a média nacional de 74% de analfabetos.

mundial que a cidade do Rio de Janeiro estava alcançando. Em redação, denuncia o descaso do poder público em relação a situação suburbana e o quanto isto poderia ser mal visto pelos turistas que chegassem à capital brasileira.

Devia desejar-se um tal progresso para os subúrbios para que se não dissesse ao menos que o Brasil ornamenta em gala o seu salão de visitas, que é a sua capital, e deixa cobertos de picumãs e teias de aranha e lixos seculares, as dependências da casa, que, embora fiquem para as bandas do quintal e sejam reservadas aos íntimos, podem ser vistas por estranhos que vão dizer que a Terra do Cruzeiro imita as pessoas que lavam a cara e deixam os pés atolados no estrume! [...] O centro da cidade já está civilizado. Pelo menos já não é o botocudo que era, há meia dúzia de anos apenas. É tempo de cuidar também um bocadinho dos pobres subúrbios (O SUBÚRBIO, 1907, n. 01 p.1)

O jornal segue afirmando que cabia ao Méier, devorado da ambição do luxo e da vida ruidosa, o papel de remover dos subúrbios o estigma de atrasados e incivilizados outrora atribuídos a região, com desdém, pela gente de “bom tom” (O Subúrbio, 1907). Todo esse desenvolvimento da região suburbana, no início do século XX, irá atrair parte da elite cultural que estava fugindo das epidemias sanitárias que assolavam a região central naquele período. Com elas, começaram a chegar ao subúrbio os seus símbolos de civilidade e moralidade, dentre eles, as confeitarias que migram em direção à região suburbana seguindo os passos desta elite (KARLS, 2017).

Assim como as dinâmicas da Confeitaria Estrada de Ferro Dom Pedro II não se relacionavam com as demandas dos frequentadores da Rua do Ouvidor, as novas confeitarias que surgem nos subúrbios tiveram que aprender a lidar com as dinâmicas estabelecidas no corredor ferroviário, entendendo as peculiaridades de cada bairro para definir quais estabelecimentos de quais ordens (1º, 2º ou demais) melhor se encaixaria em cada local. Lilia Schwarcz (2017) afirma que a constituição de identidades de cada bairro mostrava-se de acordo com as estações de trem, definidas pela existência ou não de bilheterias, tetos ou alpendres; paradas mais ou menos longas; e a existência ou não de plataformas seguras que conferiam “personalidades aquela estação”. Mas, sobretudo, era a posição daquele bairro em relação ao marco zero (centro), que definia maior ou menor importância ao local, criando a diferenciação entre subúrbios “melhores” e “piores”.

A mania dos suburbanos é discutir o merecimento deste subúrbio em face daquele. Um morador do Riachuelo não pode admitir que se o confunda com um do Encantado e muito menos com qualquer do Engenho de Dentro. Os habitantes de Todos os Santos julgam a sua estação excelente por ser pacata e sossegada, mas os do Méier acusam os de Todos os Santos de irem para o seu bairro tirar-lhe o sossego (BARRETO, 1917 apud SCHAWRCZ, 2017)

Veblen (1983), ao explicar o sistema de hierarquia entre a classe ociosa e os seus aspirantes, nos diz que a capacidade de mobilidade entre as classes era muito limitada, logo, quando uma classe tentava emular o comportamento de outra, ela conseguia alcançar apenas o patamar que estava imediatamente acima do seu, nunca além. Quando o Méier, em posição de capital suburbana, inaugura a sua primeira confeitaria em 01 de outubro de 1910, a posição do bairro na hierarquia social carioca permitia que veículos, como o Jornal do Commercio, afirmassem que o

estabelecimento comercial dava “[...] a impressão da Casa Paschoal ou Castellões, tal qual é a elegância e o modo porque está distribuído o serviço e a escolha de tudo que possui uma casa nesse ramo de negócios” (1910, p.03). Embora a Confeitaria Japão gozasse do prestígio de “a melhor confeitaria dos subúrbios” e a liberdade de se comparar com casas de 1º ordem da região central, sua localização e seu público resguardavam ao estabelecimento um caráter de confeitaria de 2º ordem, e ele se vendia como tal (VIDA DOMÉSTICA, 1923, p. 63). Logo, tendo o Méier de patamar imediato para os demais bairros menos desenvolvidos, suas confeitarias não poderiam ir além do que espaços de 2º ordem, ou até mesmo espaços de ordem alguma.

São indivíduos da classe ociosa mais alta, que não tem superiores e poucos iguais, que dão ao decoro a sua mais completa e madura expressão; são eles também que conferem a elas aquela forma definitiva que serve de norma final para o comportamento dos indivíduos das classes inferiores. Na classe ociosa mais alta, o código de decoro é também, evidentemente, um código de status que mostra da mais clara maneira sua incompatibilidade com todo trabalho vulgarmente produtivo. (VEBLEN, 1983, p. 28)

A categoria mais popular entre os estabelecimentos era a de “padaria e confeitaria”, espalhadas por diversos pontos do subúrbio ferroviário. Entretanto, o mais intrigante são os estabelecimentos que se associavam com o nome de “bar”, como o caso da “Confeitaria e bar Santos Dummont” em Cascadura, misturando a “moralidade” de uma confeitaria com a falta de etiquetas de um bar, ambiente pertencente a “desordeiros e vagabundos” (JUNIOR, 2017, p. 152). Schwarcz (2017) toma nota de que, dentre os subúrbios, Cascadura figurava como um dos bairros menos urbanizado e ainda assim, de certa forma, buscava a representação deste equipamento “civilizatório”. Além de tudo, sua população era descrita como bárbara, violenta, seres “[...] suarentos, num arrasta-pé enervante, fazem a volta do salão, sorridentes” (O PAIZ, 1920 apud JUNIOR 2020, p.141).



Por outro lado, haviam no Méier cinco confeitarias em um raio de 200 metros da estação de trem. As duas maiores sendo a “Confeitaria Japão” e a “Confeitaria Moderna”, seguida pelas padarias e confeitarias “Ao Ponto Chic do Meyer”, “Elite do Meyer” e “Famílias do Meyer”, coexistindo durante a era de ouro do bairro na década de 1920 e ajudando a reafirmar o Méier como um lugar cosmopolita nos subúrbios. A proliferação destes estabelecimentos no bairro se justifica com a esmagadora presença da elite que se formava naquele local, cujo único meio moralmente aceitável para gastar o tempo ocioso encontrava-se nos passeios de trem, visto que o samba, o futebol e as festas religiosas estavam sendo duramente criticados pela elite cultural da cidade.

Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela. (BARRETO, 1912 apud SCHWARCZ 2017).

Entretanto, o próprio Lima Barreto reconhecia que os vagões de trem não eram lugares apropriados para a presença feminina, especialmente quando desacompanhada, pois era palco para todo tipo de assédio: “A essa hora, na estação, as moças e senhoras escasseiam; a hora delas é mais tarde, para depois do meio-dia. Às vezes, porém, aparece uma outra desgarrada. Quando isso se dá, todos aqueles exemplares de chefes de famílias e exatos funcionários estremeçam nos seus assentos [...]” (BARRETO, 1915 apud SCHWARCZ 2017). Por isso, além de equipamento civilizatório, será no subúrbio que as confeitarias vão aderir ao papel de guardiões da moralidade enquanto proporcionam a liberdade feminina para circular livremente nestes espaços.

Nas zonas suburbanas, serão justamente as figuras femininas e infantes responsáveis pela manutenção da classe ociosa, figurando como integrantes de uma categoria que Veblen (1983) vai chamar “ócio vicário”. O ócio vicário ocorre em sociedades onde a figura provedora não pode ostentar a ociosidade, pois se ocupa primordialmente do sustento da família, logo, as figuras responsáveis por ostentar um tempo livre serão suas mulheres e filhos. De acordo com o autor, os deveres sociais destes indivíduos incluem gastar todo o tempo e esforço ostensivamente em ócio conspícuo, isto é, visitas, passeios, clubes, e outras funções sociais, desta forma deixando claro a sociedade a capacidade do senhor de sofrer grande prejuízo financeiro sem pôr em risco a sua superior opulência.

Do ponto de vista de uma existência decente, tais cuidados podem ser, mesmo assim, inelutavelmente necessários; podem mesmo ser requisitos necessários ao conforto pessoal, embora sejam total ou parcialmente de caráter cerimonial. Com esse caráter, são eles ainda imperativos e necessários, porque o homem assim os considera e, na sua falta, sente-se maculado ou indigno. Sente ele desconforto, na falta de tais cuidados, ainda não ressentido de sua falta o homem não treinado em discriminar entre o que é convencionalmente bom e o que é convencionalmente mau. (VEBLEN, 1983, p. 30)

Foi justamente esta necessidade de exibição o motivo da maior crítica de Lima Barreto em relação a elite suburbana. Para o autor, bairros como o Méier estavam repletos de damas elegantes, operários maltrapilhos, homens com a última moda e mulheres vestidas de chita que, ao final do dia, o mais bem posto não era aquele que entrava na melhor casa (SCHWARCZ 2017). Veblen (1983) afirma que, em algumas sociedades onde os hábitos sociais são profundamente moldados pela tradição patriarcal, esperam-se, conseqüentemente, as sobrevivências do tabu relativo ao consumo de artigos de luxo, pelo menos sob a forma de uma desaprovação de seu uso pela classe laboral. Por este motivo, a elite cultural continuou olhando para os subúrbios e a sua tentativa de modernização com extremo desdém, a exemplo da figura 4, onde há uma caricatura de uma confeitaria suburbana, deixando implícito a ausência de necessidade do equipamento no subúrbio, pois o que teriam os suburbanos para exibir nos espelhos de uma confeitaria além de sua fome?



Figura 04: Numa Confeitaria dos Subúrbios. Fonte: Vida Doméstica, 1929.

Enquanto o Méier era satirizado pela sua tentativa em ser cosmopolita demais, paralelamente, o bairro de Bangu era satirizado por ser cosmopolita de menos. Bangu era um bairro extremamente fechado no início do século XX, pois a oferta da fábrica de tecidos por trabalho, moradia e comércio fazia com que o bairro terminasse em si, sem a necessidade de ir ao Centro em busca de trabalho ou diversão. A situação era ainda mais agravada pela geografia de Bangu, localizado e uma região isolada da zona oeste, embora estivesse as margens da linha férrea.

De acordo com o jornal Vida Carioca (1921), era Bangu uma das localidades mais adiantadas do subúrbio do Rio de Janeiro, sendo capaz de competir pelo título de capital suburbana, se não fosse

a existência do Méier. Só que, ao mesmo tempo que era uma região vista como adiantada, também era vista como uma região muito violenta, em especial por causa do teor dos seus divertimentos, como o futebol, na figura do Bangu Atlético Clube, e também a maneira com que os seus moradores passavam o seu tempo ocioso.

No futebol, os clubes suburbanos eram alvos frequentes de periódicos que faziam questão de noticiar a violência em seus campos. Bangu era descrito pelo jornal *Brigão* (1916) como uma espécie de purgatório, onde os que cobiçavam o título de campeões do futebol cariocas purgavam os seus pecados em golpes de canelas que mostravam o sangue ruim que lhes corria as veias. Neste período, era comum que os cronistas utilizassem de pseudônimos para esconder suas identidades enquanto criticavam o esporte, pois assim se viam livres para propagar sua noção particular de subúrbio, com seus clubes “democratas” e “coloridos” que profanavam a civilidade da urbe (JUNIOR, 2017).

Para Santos Junior (2017), dentro dessa descontextualização e recontextualização, os jornais traduziam sua visão dos subúrbios, impregnadas por estigmas que desqualificavam não só os torcedores e os jogares de futebol, como também o território em que eles habitavam. Essa visão desdenhosa respingava em outros âmbitos de Bangu, como os seus bares, botequins e quiosques, onde a população se dirigia para passar o tempo. Um dos exemplos é o botequim do Chico Porteiro, inaugurado em 1909 pelo operário mais popular da fábrica de tecidos. Entre as colocações que o jornal *A Imprensa* (1909) faz ao estabelecimento, está a associação com um “gosto artístico aprimorado” e o símbolo de melhoramento que aquele botequim significa para o bairro, que era tão estigmatizado (JUNIOR, 2017).

Apesar dos esforços do jornal *A Imprensa*, a opinião pública continuava a rechaçar as diversões existentes no bairro de Bangu, com especial repúdio a presença dos quiosques na região. Segundo a *Gazeta Suburbana* (1919), existia em Bangu inúmeros quiosques cujos hábitos da freguesia deveriam ser alvos da atenção da prefeitura e da polícia, pois nestes “trambolhos” se aglomeravam toda “espécie de desocupado local”. O jornal acrescenta que as famílias que pelo entorno transitavam eram obrigadas a ouvir as obscenidades proferidas pelos frequentadores e que, se não poderia a prefeitura remove-los, caberia a polícia o papel de moraliza-los. Para o jornal, a presença destes quiosques ofendia a moral das famílias e dos transeuntes que não poderiam continuar a mercê dos “desocupados” que ali se reuniam (apud JUNIOR, 2017, p. 147).

É importante retornar ao Centro do Rio para entender este repúdio da opinião pública pela presença destes quiosques, pois foi a erradicação deles da região central um dos grandes símbolos das reformas urbanas promovidas por Pereira Passos. Aquela arquitetura efêmera, representada pelos quiosques, não proporcionava a opulência do ver e ser visto experimentado dentro das confeitarias. Sem mesa ou cadeiras, vitrines e nem espelhos, eram espaços estreitos onde as pessoas de baixa renda poderiam parar rapidamente para consumir uma xicara de café ou duas, sem iniciar o ritual de exibição apreciado pela classe ociosa. Após as reformas urbanas, foram poucos destes exemplares que sobreviveram no Centro para contar história.

Alguém recorda o passado recente e faz menção aos quiosques. Sua ausência é sinal de mudança. Antes de Pereira Passos, os quiosques dominavam a cena urbana. Lugares de oferta de comida barata cresceram com as obras da cidade, e suas criações estão na culinária carioca. [...] O prefeito Passos acabou com eles. (RODRIGUES, 2014, p 67)

De acordo com Santos Júnior (2020), a opinião pública acreditava que a civilização carioca dependeria da propagação de um cosmopolitismo agressivo implementado por uma política rigorosa de regulamentação de hábitos populares, uma tentativa pedagógica de disciplinar as classes populares por meio das diversões. É justamente neste contexto que surge a inauguração da Panificação e Confeitaria Mercúrio em 1911, localizada nas proximidades da estação de trem de Bangu. A presença deste equipamento cosmopolita em bairros como o Méier se justifica por uma vontade pessoal da elite local em consumir aquele divertimento, enquanto que em Bangu ele figura como uma resposta à tantos ataques em relação ao comportamento da população residente do bairro.

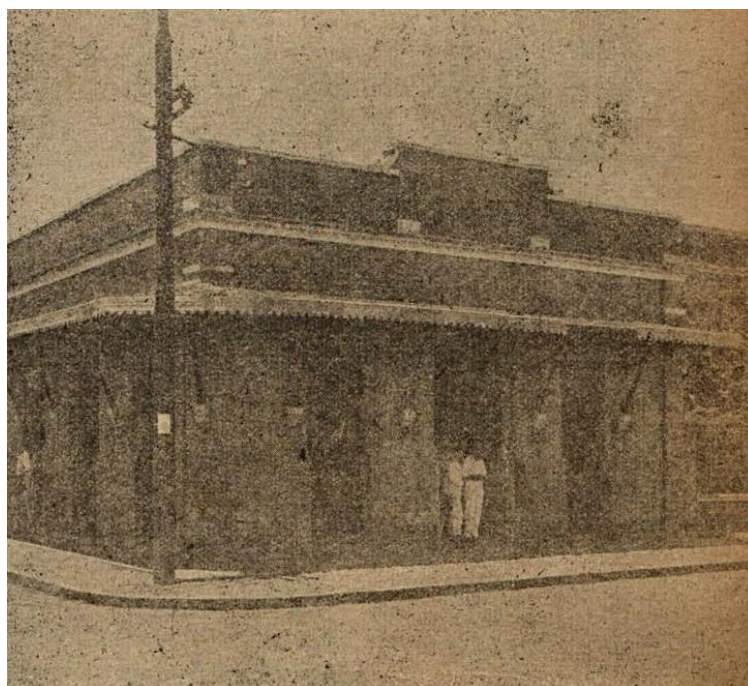


Figura 05: Panificação e Confeitaria Mercúrio. Fonte: Vida Carioca, 1921.

É interessante observar o anúncio da Vida Carioca (1921, p. 9), onde faz uma ode a boa índole dos moradores da região e, principalmente, dos donos do estabelecimento. Em contraste com a insalubridade dos quiosques, o jornal destaca que “[...] a rapaziada de Bangu, nas suas horas de ócio, não dispensa a sua partidinha higiênica de bilhar e passa alguns instantes confortáveis no salão de bilhares”. Anos depois, quando o estabelecimento é vendido, fica novamente a cargo da Vida Carioca (1947, p.16) a responsabilidade de acalmar a opinião pública exaltando as boas qualidades do novo dono, com destaque para a descrição de “jovem cavalheiro, dotado de fina educação comercial e social” e para o símbolo “vibrante de arte e modernidade” em que ele transformou o estabelecimento. É interessante observar como a moralidade do estabelecimento estava sempre em prioridade, com uma grande atribuição e virtude e modernidade que os mesmos empregavam nos bairros aos quais se estabeleciam.

As confeitarias, agora, vão além de simplesmente servir café. Os ambientes requintados são mais apropriados para uma cidade que quer ser burguesa. (RODRIGUES, 2014, p. 45)

Consolidação das práticas suburbanas.

É o carnaval um dos grandes símbolos do divertimento carioca desde o início do século XX, em especial nos subúrbios. Por isto, a celebração não poderia ficar de fora das críticas ácidas dos literatos e da opinião pública, em especial de Olavo Bilac. O poeta enxergava no carnaval um dos maiores símbolos da indisciplina e desobediência do povo carioca, preferindo a antiga tradição do entrudo pois a considerava menos luxuriosas do que os festejos de carnaval.

Creio que, de todas as cidades civilizadas, o Rio de Janeiro é a única que tolera essa vergonha exibição. Em todas as outras capitais, o vício é cultivado e adorado portas adentro. Nada impede que, nos teatros e nos bailes, haja saturnais carnavalescas, em que a folia se exaspere até invadir o domínio da alucinação furiosa (BILAC, 1904 apud Junior 2017).

O autor nutria apreço pelas tradições europeias de carnaval, em especial as francesas, celebradas a portas fechadas, para um público seletivo. A voracidade com que ele influenciava a opinião pública, fez surgir no Rio de Janeiro um fenômeno de “alugueis de janela para ver o carnaval passar”, onde os estabelecimentos da região central ofereciam a segurança e a moralidade de suas varandas para que a elite pudesse observar o cortejo de carnaval passando pelas avenidas, sem necessariamente integrar a celebração (CORREIO DA MANHÃ, 1912). Diversos vão ser os estabelecimentos que vão aderir a moda, inclusive nos subúrbios, pela Confeitaria Japão.

Pouco tempo depois de se estabelecer no Méier, durante o carnaval de 1915, a Confeitaria Japão fez um convite as “exímias famílias modelares do Méier” para se reunirem em seus salões enquanto assistiam ao carnaval passar (O IMPARCIAL, 1915). Certamente essa tentativa não vingou, pois não ocorre nos carnavais posteriores, visto que não fazia sentido para a elite local um distanciamento com as festas de rua, da mesma maneira que para as elites da zona central. Durante os anos seguintes, a Confeitaria Japão abandona o apreço pela moralidade e começa a financiar os carnavais de rua do Méier, distribuindo prêmios para as melhores fantasias dos foliões. Esse fomento dura aproximadamente uma década, até que o carnaval de rua do bairro estivesse forte o suficiente para existir sem o incentivo do comércio local (CORREIO DA MANHÃ, 1929).

Estas pequenas manifestações de transgressões da moralidade, como o financiamento do carnaval de rua, o comércio de pães ou a celebração do 25º aniversário da Confeitaria Japão no bairro da Penha (Beira-Mar-Copacabana, 1925), demonstra que estes estabelecimentos não estavam alheios a realidade da população local. Embora tenham surgido com um caráter civilizatório, logo perceberam que era na mescla de cultura que estava a sobrevivência dos seus negócios. De fato, antes de desaparecer na história, a Confeitaria Japão funcionou no bairro do Méier por mais de cinco décadas, e a fachada de seu edifício resiste ainda hoje no número 1359 da Rua Vinte e Quatro de Maio, as margens da estação do Méier. Quem transita por ali, não faz nem ideia da promessa de civilização que aquele espaço já foi um dia.

O Rio de Janeiro, como um organismo vivo, tentava se adaptar aos novos valores, caracterizada pela integração à economia mundial e aos conceitos de modernização. Isso, na prática, representaria deixar para trás o seu invólucro colonial. Era um passo e tanto. A saída se realizaria pela criação do mito da “regeneração”, algo capaz de fazer da cidade do Rio de Janeiro depositária do progresso. O Rio, dali por diante, teria que ser a “civilização brasileira”. [...]

As transformações do Rio – de suas ruas, de seus modos e de seus lugares de convivência – fazem parte de um amplo projeto. As confeitarias, templos de sofisticação e modernidade, funcionariam como uma maquete para essas pretensões. (RODRIGUES, 2014, p. 27)

Consideração final.

As confeitarias tiveram uma grande relevância no processo de reconfiguração do espaço urbano do subúrbio ferroviário carioca, impondo e transcendendo barreiras elitistas para impulsionar economias locais, infraestruturas e sociabilidades, assim transformando trilhos de trem em eixos de modernidade. O legado destes equipamentos evidencia características de lazer periféricos em constante negociação com a opinião pública a fim de um lugar de pertencimento urbano, alavancando o desenvolvimento de polos como Méier e Bangu em meio às tensões da Primeira República. Observar a história através dessa lente exige uma ênfase diferente no passado. Existem milhares de textos sobre a história da expansão urbana através do sofrimento da população carioca, este é um texto sobre a expansão urbana a partir da visão de uma população que queria se sentir integrante da ideia de uma cidade do futuro e de como ela traduziu isto em espaços com características próprias. Compreender esses impactos não só resgata a história de formação do subúrbio carioca, mas também reforça a relevância de preservar e valorizar esses patrimônios como antigos agentes de modernização e testemunhos vivos da memória social e urbana do Rio de Janeiro.

Referências

FREIRE, Renato; RODRIGUES, Antônio E. Martins. Confeitaria Colombo: Sabores de uma cidade. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

GUEDES, Gabriel Marques; NETO, Ronaldo M. dos Santos; PAVAN, Juliana S.. A DEGRADAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS ARQUITETÔNICOS NO SUBURBIO CARIOCA: O CASO DO BAIRRO DO MÉIER. Salvador: Arquimemória 6, 2024.

JUNIOR, Nei Jorge Santos. Diversões Nos Subúrbios Cariocas: Identidades, Representações e Tensões (1900-1930). Revista Territórios & Fronteiras, vol. 13, n. 1, Cuiabá, 2020.

JUNIOR, Nei Jorge dos Santos. Olavo Bilac e as Diversões Suburbanas: A Projeção de Uma Geografia Moral Carioca (1904-1906). Licere, v.20 n.4, Belo Horizonte, 2017.

JOHNSON, Steven. O poder inovador da diversão: como o prazer e o entretenimento mudaram o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KARLS, Thaina Schwan. "COMIDA, BEBIDA E DIVERSÃO: UMA ANÁLISE COMPARADA DO PERFIL DE RESTAURANTES E CONFEITARIAS NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX (1854–1890)". Rio de Janeiro, 2017.

MOREIRA, Luciana Verônica Silva. Formação do Espaço Social Suburbano no Rio de Janeiro do Início do Século XX nas Páginas do Jornal O Subúrbio. Revista Confluências Culturais, v.2 n. 2, 2013.

O SUBÚRBIO (Rio de Janeiro). 1907 a 1908. Rio de Janeiro: [s.n.], 1907-1908. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=818747&pesq=%22Brasil%20ornamentada%20em%20gala%20o%20seu%20sal%C3%A3o%20de%20visitas%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23>>. Acesso em: 19 jan. 2026. Ano 1907, p. 23.



SCHWARCZ, Lilia Moritz. Da minha janela eu vejo o mundo passar: Lima Barreto, o centro e os subúrbios. *Estudos Avançados* 31 (91), 2017, p. 123 a 140.

VEBLEN, Thorstein B. A Teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VIDA CARIOCA. Rio de Janeiro, ano 192, Edição 0020 (1), p. 261, 1922. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156574&pasta=ano%20192&pagfis=261>>. Acesso em: 19 jan. 2026.

VIDA CARIOCA (RJ). 1922. Edição n. 5361, ano 192. Biblioteca Nacional Digital, 1922. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156574&pesq=Confeitaria%20sub%C3%BArbio%20esta%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5361>>. Acesso em: 19 jan. 2026.

VIDA DOMÉSTICA (Rio de Janeiro). Edição 00136. Rio de Janeiro: [s.n.], [ca. 1920-1962]. 1 v. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830305&Pesq=confeitaria&id=1018004633862&pagfis=11074>>. Acesso em: 19 jan. 2026.

VIDA DOMÉSTICA (Rio de Janeiro). Edição 00061. Rio de Janeiro: [s.n.], ca. 1923. 1 v. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830305&Pesq=confeitaria&id=839903292353&pagfis=2414>>. Acesso em: 19 jan. 2026.